

DOI: 10.20396/cel.v61i0.8653611



OS EFEITOS DE SI EM NARRATIVAS DE VIDA: UMA ANÁLISE SOBRE UM DOCUMENTO TRANSGRESSIVO DE GRACILIANO RAMOS

GABRIELA PACHECO AMARAL¹

RESUMO: nosso objetivo é observar os efeitos de narrativas de vida e a ironia presentes em um relatório de contas da Prefeitura de Palmeira dos Índios realizado por Graciliano Ramos. O documento representou um grande passo na carreira do autor, pois, foi devido à sua qualidade artística que o editor Schmidt convidou Ramos para publicar artigos e romances. Para alcançar nosso intuito, discorreremos sobre o recente conceito de efeitos de narrativa de vida desenvolvido por Machado (2015, 2016) sob o viés da Teoria Semiolinguística da Análise do Discurso. Nossa metodologia foi construída de forma a analisar trechos recortados do documento nos quais observamos a recorrência desses efeitos discursivos.

Palavras-chaves: narrativa de vida; ironia; Graciliano Ramos; semiolinguística; análise do discurso.

ABSTRACT: in this paper we will analyze the effects of the life narratives and the irony in the official document of counts report from city hall of Palmeira dos Índios by Graciliano Ramos. This report was important for Ramos, because of the reading this report that editor, Schmidt, invited Ramos to publish papers and novels. The reason this, it is because the document were done as artistic quality a lot. For we will analyze this document, we will discuss about new concept of effects of the life narratives from Machado (2015) in the Semiolinguistic Theory. We will analysis some excerpts from this document in which we can found the effects of the life narratives and the irony in the discourse.

Keywords: life narratives; irony; Graciliano Ramos; semiolinguistic; discourse analyzes.

1. NARRATIVA DE VIDA SOB O OLHAR DA SEMIOLINGUÍSTICA

O ser humano é um ser narrador por excelência, afinal, ele gosta de contar sobre suas conquistas como também gosta de compartilhar suas peripécias com pessoas ao seu redor. Logo, devemos concordar que o sujeito-falante produz diversas narrativas em seu cotidiano, tais histórias podem ser para contar sobre o primeiro dia de aula, sobre uma discussão no trabalho, sobre uma viagem, sobre uma pescaria. Portanto, em diversas situações comunicativas, notamos enunciados nos quais o sujeito deixa escapar relatos sobre si ou sobre outrem. Nessa conjuntura, por mais que a intenção inicial da produção discursiva não seja a de falar da vida de si para o outro, como no caso de uma sala de aula, por exemplo, no qual o professor pode lançar mão de suas experiências pessoais para

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, MG), Brasil. gabriela-pa-169@hotmail.com, <http://orcid.org/0000-0003-4081-9734>

exemplificar o conteúdo ensinado, o sujeito-enunciador pode invocar um sujeito-narrador que realiza narrativas de si em seu discurso.

Na esteira de Machado (2016b), podemos pensar em diversas formas de narrativas de vidas. Há aquelas que são mais evidentes, pois estão em gêneros discursivos genealógicos como biografias, autobiografias, memórias e diários. Como pode haver, inclusive, em outros gêneros discursivos, nos quais o foco inicial não seria o de falar de si, como cartas, relatórios, teses, etc.

Em síntese, as narrativas de vidas estão presentes em quaisquer gêneros discursivos nas situações comunicativas que o sujeito-enunciador deixa escapar relatos de suas memórias. No fito de afirmar tal pensamento, Machado (2015) investigou, no gênero prefácio, os traços de narrativas de vida que o sujeito-narrador revela em sua produção discursiva. Esse estudo teve como *corpus* a obra traduzida para o francês, *Livre des préfaces* (1980), do escritor argentino, Jorge Luis Borges. A pesquisadora analisou as pistas que remetem à vida e ao trabalho do sujeito-enunciador dos prefácios. Em face desse estudo de caso e de outras pesquisas desenvolvidas sobre a temática, a analista do discurso, supracitada, prefere adotar o termo “narrativas de vida” ao invés de biografia e/ou autobiografia. Isso porque, acredita-se que o relato de si não é exclusivo a esses gêneros discursivos genealógicos.

A influência teórica para o desenvolvimento do pensamento sobre a narrativa de vida no campo da Análise do Discurso, segundo Machado (2015), iniciou-se de forma transdisciplinar e com empréstimos teóricos a partir de inspirações: do Storytelling de Salmon (2007); do conceito de narratividade de Genette (1972/1983) e; do modo de organização do discurso narrativo de Charaudeau (1983). Machado (2015) justifica que a compreensão desses três autores ajudou-lhe a conduzir a abordagem da narrativa de vida como uma nova materialidade discursiva. Vejamos tal justificativa nas palavras da pesquisadora:

Dessa forma os três supracitados autores [Salmon, Genette e Charaudeau], cada um a sua maneira, conduziram-nos à abordagem dessa nova materialidade discursiva. As narrativas contam histórias, mas fazem mais que isso: elas detêm uma maneira de persuasão poderosa e que pode ser mais forte que a de muitas argumentações lógicas. O contador de histórias tem uma visada narrativa destinada ao seu receptor, visada esta que é sempre ou quase sempre impregnada de mistério, de encantamentos ou mesmo de sortilégios (MACHADO, 2015, p. 97).

O pressuposto de “narrativa de vida” que inspirou Machado trata-se do estudo do sociólogo francês, Daniel Bertaux (1997). Nessa abordagem, narrativa de vida refere-se à metodologia de pesquisa sociológica e antropológica “*récit de vie*” elaborada por Bertaux nos anos de 1970. Por estar ligado à teoria e à abordagem bem específicas, o uso desse sintagma, por Machado (2016b), revela o desejo de afastamento dos estudos autobiográficos na esteira de Lejeune (1971). Nesse sentido, a autora brasileira demonstra o intuito de ter proximidade com os estudos narrativos sob a dimensão das Ciências Sociais. Em resumo, a utilização desse termo busca demarcar o campo de abordagem que não analisa somente questões sobre tempo e espaço em narrativas de vida. Machado procura dar ênfase

aos atos de linguagem e como eles produzem os efeitos de sentido no discurso daquele-que-se-conta.

Na perspectiva de Bertaux (2016), *le récit de vie* (o relato de vida) é uma narrativa na qual o sujeito conta sobre si e/ou sobre outrem, além de ter a possibilidade de relatar toda sua vida ou um episódio específico de sua vivência. Sob esse olhar teórico, o verbo “*raconter*” (contar) torna-se essencial, pois significa que a história de vida ocorre pela produção discursiva do sujeito sob a forma narrativa.

Para o sociólogo (2016), uma concepção geral de narrativa de vida equivale a compreender que se trata de um relato total da história de um indivíduo. A narrativa começaria pelo nascimento, a história da família, os amigos e o meio social no qual o sujeito-falante está inserido e assim por diante. A abordagem geral pode ser apreendida como a materialidade discursiva em forma de autobiografia escrita, que abordaria a vida completa do sujeito.

Ao contrário da abordagem geral, em uma visão minimalista, consoante à Machado (2016b), concebemos a presença de narrativas de vida em pequenos relatos, e em diversos discursos, nos quais o sujeito fala de si. Em outras palavras, podemos considerar que há narrativas de vidas em qualquer situação na qual o sujeito-narrador fala de si e/ou do outro a respeito de um episódio ou um momento de sua existência. A narrativa de vida, logo, não está limitada à autobiografia e biografia, apenas.

O uso de relato de vida como instrumento de pesquisa na Sociologia, conforme postula Orofiamma (2008), teve origem na Escola de Chicago com a publicação de *Le pay san polonais en Europee en Amérique. Récit de vie d'un migrant* (1919) de William Thomas e Florian Znaniecki. Esta obra, baseada na autobiografia de Wladek, possui mais de 2.000 páginas de estudo sobre as dificuldades de integrações dos emigrantes poloneses em Chicago. A pesquisa marcou o início das abordagens biográficas e autobiográficas na Sociologia. Isto é, por meio de um caso singular, os sociológicos analisam os fenômenos sociais e as ligações entre o particular do sujeito com a sociedade.

De acordo com Chaxel e Moity-Maïzi (2014), o método de coletar histórias de vida foi primeiro mobilizado pela Antropologia e pela Psicologia Social antes de ser parcialmente esquecido durante as décadas de 1940 e 1950 em favor de métodos quantitativos e estatísticos. Ele será reabilitado nos anos de 1970, na França, com os trabalhos de Daniel Bertaux, no campo da Sociologia.

No âmbito da perspectiva de Bertaux (2016), a narrativa de vida é uma forma particular de entrevista, a entrevista narrativa. O objetivo da entrevista é que o sujeito narre sua vida ou um período de sua experiência. No relato, são observados os aspectos da vida social, como as relações com outras pessoas, por exemplo. Será com base nas informações encontradas no discurso que o entrevistador irá verificar as diferenças e as relações entre o particular e o social desse sujeito.

Bertaux (2016) considera as narrativas de vida como “*Observatório Social*”, no qual é possível analisar os pontos de vistas e entender as razões por trás das ações de cada um dos sujeitos presentes no relato. Ademais, as histórias de vida podem fornecer informações e detalhes sobre os comportamentos de como o sujeito

respondeu às circunstâncias, às lições aprendidas, às adaptações e às mudanças. Ainda com Bertaux (2016), a história do indivíduo se torna um “*Observatório Social*” no momento em que ele narra sua trajetória e fornece ao pesquisador conhecimentos individuais referentes aos fatos sociais e históricos. O autor (2016) considera que a narrativa de vida possui três principais níveis de fenômenos:

1. O fenômeno da interioridade do sujeito. A história de vida pode fornecer dados sobre a personalidade, a socialização, as primeiras experiências, as aprendizagens culturais e profissionais, as transformações psicológicas e os tipos habituais de condutas. Em resumo, para Bertaux, é o fenômeno [...] “*clé’ de son fonctionnement psychique*”² (2016, p. 74).
2. O fenômeno histórico das relações do sujeito com os pais e pessoas próximas em sua rede interpessoal de relacionamentos.
3. O fenômeno sociológico, mais ou menos, aparente na narrativa. Isso significa que o relato individual pode revelar as relações sociais de hierarquia e de poder, as posições e os papéis sociais, as normas de conduta e os jogos de rivalidade. Aliás, pode mostrar os mecanismos sociais e culturais que constituem a semântica coletiva, como crenças, valores, representações e normas interiorizadas.

Essa classificação, para o autor francês, em três níveis de fenômenos, contribui para situar os elementos que constituem os estados do sujeito na narrativa de vida. Cada momento do período de vivência corresponde a determinado estado físico e psicológico do sujeito, de sua personalidade e de suas forças vitais. Esses elementos físicos e psicológicos estariam associados ao fenômeno de interioridade do sujeito.

Machado (2015), então, incorpora à Semiolinguística os estudos sobre as narrativas de vidas. Nesse sentido, sob o olhar dessa teoria na Análise do Discurso, podemos investigar como os eus-comunicantes e os eus-enunciadores do ser-que-se-narra podem ser materializados discursivamente. Os “eus” do narrador podem, ainda, revelar traços de identidades, posicionamentos ideológicos e morais, como também estratégias argumentativas de sedução/persuasão.

Face à concepção de que alguns casos de relatos de vida são expostos em concepções minimalistas (Bertaux, 1997), para Machado as narrativas de vidas não são exclusivas aos gêneros biográficos e autobiográficos. A autora (2016) considera que a teoria da subjetividade na linguagem, de Benveniste, foi necessária para compreender a complexidade das situações comunicativas. Aliadas aos estudos de subjetividade, as teorias de Charaudeau e de Bakhtin reforçaram as convicções sobre a flexibilidade de entender que as narrativas de si podem ocorrer em diferentes circunstâncias comunicativas.

Para compreendermos os diferentes “eus” do ser-que-se-narra, somos direcionados para o conceito de contrato de comunicação elaborado por Charaudeau (1983). Para o linguista francês, em uma dada conjuntura comunicativa, notamos a

²“chave de seu funcionamento psíquico” (tradução nossa).

polifonia³ de sujeitos. A polifonia, por sua vez, na situação de comunicação, consiste na existência do sujeito-comunicante, compreendido como o indivíduo empírico, que invoca outro, ou outros, os chamados por ele de sujeitos-enunciadores, para representá-lo no “mundo de papel”. Há, ainda, o sujeito destinatário, uma imagem idealizada pelo sujeito-comunicante, e, por fim, o sujeito-interpretante, o ser empírico no mundo.

À luz da situação comunicativa de Charaudeau (1983), o sujeito que estaria no discurso seria o eu-enunciador do eu-comunicante. Porém, em algumas conversas com Machado (2017), em aulas ministradas sobre narrativas de vida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG, parece-nos questionável pensar em uma dicotomia plena entre esses dois “eus”. Podemos inferir, então, que não devemos afirmar que o eu-comunicante é o eu-enunciador e tratar ambos como sinônimos. Todavia, poderíamos ponderar que há muito do eu-comunicante no eu-enunciador. Acreditamos nessa hipótese, porque consideramos que o autor deixa escapar em seus discursos alguns traços de identidade e imaginários que podem revelar posicionamentos ideológicos. Logo, a narrativa de vida seria uma materialidade discursiva na qual é possível investigar traços de identidade e de posicionamentos do eu-que-se-narra.

O eu-narrador, ao tomar como projeto uma escritura para falar de si, realiza uma atividade com base em sua memória. Machado (2016b) se vale de Halbwaches (2006) para apreender que a memória funciona como um ambiente essencialmente polifônico no qual há um universo de vozes e lembranças que acompanham a vida de alguém. Nessa perspectiva, o sujeito é dotado de uma memória individual e uma memória coletiva (HALBWACHES, 2006). Na memória coletiva estarão as lembranças de outros indivíduos, de acontecimentos banais, de tragédias, de conquistas e de vozes ideológicas. A memória individual, por sua vez, representa como este sujeito se insere no social por meio de sensações, emoções e comportamentos.

De acordo com Machado (2016b), quando houver traços discursivos que direcionem para narrativas de vida em um gênero, cuja finalidade não seja a de realizar um relato de si ou de outrem, podemos pensar em efeitos de narrativas de vida. Para a pesquisadora, a transgressão de gênero pode ser interpretada a partir do

[...] “bom sentido” do axiológico transgressivo quando ligado a discursos diversos é o seguinte: tais discursos, de um modo ou de outro, escapam do “convencional”, do esperado, seja pela sua forma, veículo de difusão ou por seu tema. Tais discursos podem também mostrar (às vezes) a presença de uma prática lúdica, de modo explícito ou implícito. O documento transgressivo pode também ser aquele que se situa em uma interface genérica. Enfim: ele compreende tudo o que foge de modelos canônicos (MACHADO, 2016b, p. 126).

³ Tratamos a polifonia, neste trabalho, pela perspectiva de Ducrot (1977) que postula sobre a possibilidade de desdobramento enunciativo. Essa eventualidade ocorreria pela divisão entre locutor e enunciador no nível linguístico, o enunciador ainda poderia se desdobrar em diversos outros enunciadores. Desse modo, tomamos o sintagma “vozes” como sinônimo de “enunciadores” no/do discurso.

Na tentativa de explicar o que foi dito, podemos pensar em nosso *corpus*: um gênero discursivo no qual o foco é relatar os gastos durante certo período. Seguindo as normas do contrato de comunicação desse gênero, é de conhecimento da maioria dos indivíduos que, ao se escrever um relatório de contas, deve-se buscar uma linguagem formal e objetiva. Contudo, se alguém transgredir tais normas e inserir enunciados nos quais relatem sobre a sua vida ou de outrem, estaremos diante de um documento transgressivo com efeitos de narrativas de vidas. Antes de analisarmos nosso *corpus*, iremos, doravante, discorrer brevemente sobre o autor, Graciliano Ramos.

2. GRACILIANO RAMOS

Graciliano Ramos, cânone brasileiro, com seu arroubo artístico, produziu célebres obras como *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934), *Angústia* (1936), *Vidas secas* (1938) e obras memorialísticas, como *Infância* (1945) e *Memórias do Cárcere* (1953). G. Ramos possui uma verve tão engajada em relação aos problemas sociais do Brasil, que tal engajamento pode ter sido um dos motivos de seu cárcere, quando foi preso político, em 1936, sob acusações de pertencer ao movimento comunista. O romancista ficou encarcerado pelo período de um ano, durante esse tempo, ele tomou notas sobre o seu dia a dia na prisão, como uma espécie de diário, no qual relatava as atrocidades praticadas contra ele e contra seus pares. Os sentimentos e as situações vividas por Graciliano Ramos e por seus companheiros de cela são retratados em *Memórias do Cárcere* (1953), obra de publicação póstuma e inacabada.

Consoante ao Antonio Candido (2006), as obras de Graciliano Ramos apresentam uma forma de pesquisa social e humana, com profundos conhecimentos sobre a sociologia e a política. Sob esse olhar, a produção literária do autor nordestino possui uma riqueza artística, literária, política, social e psicológica que permite aos leitores e aos pesquisadores uma visão de mundo realista sobre as mazelas nacionais.

A verve crítica à sociedade do romancista pode ser observada em todas as suas obras, porém, à título ilustrativo, podemos exemplificá-la com algumas considerações nossas sobre o notável *Vidas secas*. Tal obra pode ser compreendida como um romance que analisa e narra as relações entre os indivíduos e a sociedade, inclusive, observamos as consequências dessas relações para Fabiano e para sua família. Uma das sequelas pode ser a taciturnidade do personagem, gerada pela relação de força entre opressor e oprimido⁴. Como possíveis resultados do convívio do protagonista com a justiça, interpretamos que houve tanto danos físicos quanto psicológicos para Fabiano. Os danos psicológicos podem ser analisados quando inferimos que o silenciamento do protagonista é uma consequência das

⁴ Para maior aprofundamento sobre essas considerações ver a pesquisa sobre o silenciamento de Fabiano como consequência das relações sociais desenvolvidas na dissertação, “As vozes que silenciam os ‘eus’ de Fabiano, em *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos”, defendida em 2016 na Universidade Federal de Minas Gerais sob a orientação de Ida Lucia Machado.

desigualdades sociais. Os efeitos físicos como resultado da opressão social em que Fabiano e sua família estão inseridos são perfeitamente relatados quando o narrador relata sobre a fome e a sede que assolam os personagens, visto que o salário mal dava para eles alimentarem-se dignamente, chegando ao ponto de, mesmo ele trabalhando, só terem ossos para cozinhar e oferecer aos filhos.

O realismo crítico de Graciliano Ramos parece estar em seu âmago desde sua adolescência, pois aos 12 anos de idade publicou o conto, *Pequeno mendigo*, em 1904, no jornal *Dilúculo*. Observamos que essa publicação na tenra juventude permite-nos inferir que o escritor apresenta olhar sensível para a pérfida conjuntura nacional que abrange as desigualdades e as injustiças sociais.

Com Amaral (2016), sabemos que Graciliano Ramos nasceu em 1892, Alagoas, no contexto de transição política brasileira para a República, proclamada em 1889. Com o surgimento dessa nova forma de governo, desencadeou-se uma descentralização econômica e financeira que foi propícia para a imersão do capitalismo no país, beneficiando principalmente as oligarquias cafeeiras. No Nordeste, a economia era principalmente pautada na produção de cana-de-açúcar. Posteriormente, houve declínio da economia canavieira que, por consequência, alterou a base de ordem política e social: de um lado, dominavam os coronéis do algodão e da pecuária; de outro, o Estado oligárquico se tornava o agente e a forma de estrutura do poder (MORAES, 1992).

Isto posto, o romancista conheceu de perto as consequências de uma má administração nacional, tal qual pode ter influenciado na gênese literária de Graciliano Ramos no realismo social transmutado para o realismo literário. O estilo literário do autor não se vale de uma linguagem rebuscada, pois prefere adotar poucas palavras que representam a realidade da sociedade e, por isso, tem preferência pelo realismo literário. Preferência essa que ele justifica em suas próprias palavras:

O realismo rompendo a trama falsa do idealismo descreve a vida tal qual é, sem ilusões nem mentiras. Antes a nudez forte da verdade que o manto diáfano da fantasia [...]. Mas, que querem? A parte boa da sociedade quase não existe. De resto, é bom a gente acostumar-se logo com as misérias da vida (RAMOS, apud MORAES, 1992, p. 23)⁵.

O realismo crítico latente em Graciliano Ramos extrapola a produção literária e atinge seu modo de vida, pois o autor dedicou anos de sua vida para a melhoria de sua cidade natal. Em 1927, Graciliano Ramos é eleito prefeito de Palmeira dos Índios, em Alagoas. Durante o mandato, enquanto político realizou diversas obras na cidade: a construção de três escolas, um posto de saúde, um abatedouro na cidade — para acabar com o abate de gado na feira da cidade —, uma estrada ligando Palmeiras dos Índios ao município vizinho. Em 1928, envia o relatório de prestação de contas do município ao governador de Alagoas. O relatório possui viés literário, não-convencional e irônico, nessa conjuntura, o documento, que era para ter caráter objetivo, torna-se um discurso repleto de subjetividade do sujeito-

⁵ Trecho de entrevista de Graciliano Ramos a Denis de Moraes. Título da obra que onde ela vai aparecer: *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

enunciador. Em 1930, Graciliano Ramos renuncia ao cargo quando foi nomeado diretor da *Imprensa Oficial* do Estado de Alagoas.

3. A IRONIA NA TRANSGRESSÃO

Na esteira de Machado (2014), consideramos que a ironia pode ser percebida por meio da polifonia no discurso. Assim, as diferentes vozes inseridas em uma dada situação discursiva podem realizar uma “quebra” com o discurso e gerar um novo efeito de sentido. A polifonia, pelo viés de Ducrot (1984), trata-se do desdobramento enunciativo no nível do discurso, para isso, o francês postula a divisão entre locutor e enunciador, o primeiro é o sujeito empírico, enquanto o segundo está na enunciação, no “mundo de papel” e refere-se à entidade colocada em cena pelo locutor. A voz do locutor sustenta todo o enunciado, contudo poderá haver, nele, a presença de diversas outras vozes que apresentam opiniões divergentes, tal discórdância, no entanto, não é incoerente, pois a ironia deixa pistas que permitem ao leitor desvendar os seus efeitos de sentidos.

Além de basear-se em Ducrot, Machado (2014) também busca em Bakhtin (1968) estudos que a auxiliam na compreensão discursiva da ironia, qual seja a carnavalização. Para este estudioso russo, o carnaval, em linhas bem gerais, no processo de escrita de uma obra, representa o não-sério, ou seja, tudo que se opõe às normas e às hierarquias sociais. Segundo Machado (2014), os discursos são elaborados por meio de um jogo capaz de subverter e transgredir as normas estabelecidas pela/na sociedade. Em resumo, na linha de estudo da pesquisadora, os discursos não-sérios são carnavalescos, logo, são irônicos. Destarte, a ironia se produz a partir de um movimento de um discurso sério desvirtuado pela inclusão de um discurso não-sério ao enunciado.

Ao trazermos essa perspectiva para o nosso *corpus*, consideramos que a inserção de enunciados subjetivos em um gênero discursivo rígido, como o relatório de prestação de contas, revela vozes que orientam para a ironia. Vejamos o seguinte excerto:

Exmo. Sr. Governador:

Trago a V. Excia. um resumo dos trabalhos realizados pela Prefeitura de Palmeira dos Índios em 1928.

Não foram muitos, que os nossos recursos são exíguos. Assim minguados, entretanto, quase insensíveis ao observador afastado, que desconheça as condições em que o Município se achava, muito me custaram (RAMOS, 1929).⁶

O início do relatório apresenta introdução formal por meio do uso do pronome de tratamento e com enunciados objetivos. Contudo, observamos um jogo de vozes que traz à tona a subjetividade do sujeito-comunicante expressa pelo sujeito-enunciador. Tal subjetividade é interpretada no enunciado no qual

6 Mantemos em todos os excertos a escrita original do documento.

Graciliano Ramos relata que não foram muitos os trabalhos realizados pela Prefeitura, pois os recursos eram exíguos. A inserção de tal julgamento avaliativo traz ao relatório um viés irônico que proporciona um jogo polifônico com a quebra do discurso sério e objetivo que deve constituir um relatório.

Com Machado (2016b), inferimos que o sujeito-comunicante - em nosso caso, o autor do relatório, Graciliano Ramos - pode se deleitar ao produzir escritos irônicos, haja vista que ele organiza a *mise en place* no discurso capaz de receber um significado irônico, tal qual ele tem consciência dessa produção. Essa organização discursiva e contrastante de vozes opostas no discurso é realizada de modo que “reflita sua intenção primeira: expor uma ideia, valendo-se da ironia como procedimento argumentativo e estratégico” (MACHADO, 2016b, p.48). No decorrer do relatório identificamos discursos irônicos que demonstram a subjetividade do sujeito como procedimentos argumentativos de crítica:

ILLUMINAÇÃO

A iluminação da cidade custou 8:921\$800. Se é muito, a culpa não é minha: é de quem fez o contracto com a empresa fornecedora de luz (RAMOS, 1929).

No extrato acima, e em todo o relatório, os enunciados são produzidos em primeira pessoa do singular, o que apresenta a inserção direta do sujeito em seu discurso. Essa subjetividade é acompanhada de críticas elaboradas por meio da ironia. Cabe ao sujeito leitor a capacidade de conseguir ser parceiro ou não da empreitada irônica no discurso.

A primeira marca de subjetividade, nesse trecho, na qual é possível interpretar a ironia é na passagem “a culpa não é minha: é de quem fez o contracto com a empresa fornecedora de luz” (RAMOS, 1929). A voz irônica no discurso é uma estratégia argumentativa que revela a verve crítica do romancista ao denunciar a má condução do contrato de fornecimento de energia pelos antigos prefeitos.

Desse modo, o enunciado é fundado pela voz objetiva que relata o valor do custo da energia em contraste com a voz avaliativa que se utiliza da expressão “se é muito, a culpa não é minha” para produzir o efeito irônico. Inferimos no termo “se” a presença de uma voz afirmativa, de maneira concessiva, que o custo foi muito caro. Ademais, a negativa, conforme Fiorin (2006), é um enunciado que é polifônico por natureza, já que é composto por uma voz implícita que faz a afirmativa, em outras palavras, toda negação é uma oposição de uma assertiva.

Em nosso caso, acreditamos que a cerne da produção da ironia se desenvolve no universo de crenças do sujeito-comunicante. Crenças estas que sustentam o imaginário de que o valor gasto com iluminação é alto e que a culpa disto é da instância estadual, e não municipal. Em resumo, o discurso do enunciado é uma estratégia argumentativa irônica para criticar os contratos feitos para o fornecimento de energia do próprio governo, a quem é dirigido o relatório de contas.

A ironia, como estratégia argumentativa para expressar posicionamentos políticos e ideológicos, é considerada, por nós, como um recurso extremamente rico e bem elaborado pelo sujeito-comunicante. Além de ser um modo não-convencional e direto de se realizar uma crítica, é uma forma lúdica de apresentar

o ponto de vista de um indivíduo para outro. Repetimos aqui, novamente, que a compreensão da ironia no discurso irá depender da receptividade e do conhecimento de mundo dos destinatários dos enunciados.

Vejam os outros trechos do relatório no qual é possível perceber a ironia como estratégia argumentativa de crítica social pautada no universo de crenças do sujeito-falante:

Convenho em que o dinheiro do povo poderia ser mais útil se estivesse nas mãos, ou nos bolsos, de outro menos incompetente do que eu; em todo o caso, transformando-o em pedra, cal, cimento, etc., sempre procedo melhor que se o distribuisse com os meus parentes, que necessitam, coitados (RAMOS, 1929).

No excerto acima, percebemos o jogo entre vozes que proporcionam efeito irônico ao discurso de G. Ramos, uma vez que notamos uma voz cujo posicionamento se baseia no pensamento de que o dinheiro da prefeitura pertence ao povo. Em contraste com essa surge outra, que denuncia o fato de muitos prefeitos distribuírem dinheiro público para os seus parentes. Ao atermo-nos a essa polifonia, compreendemos que a ironia se estabelece no entendimento de que o sujeito-enunciador de G. Ramos se vale do seu universo de crenças e de saberes para produzir a ironia crítica. Ramos também utiliza a imagem de si como de um “incompetente” criando mais um aspecto irônico no discurso, pois tal imagem seria o oposto de um político “competente” que utiliza o dinheiro público para outros meios.

Inferimos que o julgamento e o posicionamento de Ramos se constroem no discurso por meio de pistas irônicas, quais sejam: “dinheiro do povo”, “nas mãos, ou nos bolsos”, “procedo melhor que se o distribuisse com meus parentes que necessitam, coitados”. Face às expressões citadas, apreendemos que a descrição utilizada “dinheiro do povo” especifica a visão de mundo de Ramos, pois demonstra a crença de que o dinheiro público deve ser gasto para o povo, uma vez que esse lhe pertence. Outra expressão a ser analisada é “nas mãos, ou nos bolsos”. No enunciado, “nos bolsos”, observamos a afirmação de que alguns políticos utilizam o “dinheiro do povo” para fins de interesses próprios. Por fim, ao analisarmos o enunciado, “procedo melhor que se o distribuisse com meus parentes que necessitam, coitados”, notamos a ironia na descrição qualitativa de “coitados” para os parentes que recebem o “dinheiro do povo”.

Enfim, é possível observar que a ironia construída no discurso é realizada por meio da polifonia e dos posicionamentos de Ramos. Tal produção discursiva irônica pode ser interpretada como uma estratégia argumentativa para criticar a realidade política de Alagoas, e do Brasil. Assim, compreendemos que o próprio ato de transgredir as normas do documento oficial de relatório já se caracteriza como uma visada irônica. Característica que, por sua vez, pode ser observada no discurso construído ao longo do documento. Além da ironia, também será possível inferir algumas marcas que orientam para efeitos de narrativas de vida, como veremos a seguir.

4. OS EFEITOS DE NARRATIVAS DE VIDA

Como vimos linhas atrás, Machado (2015) caracteriza que efeitos de narrativas de vida podem ser considerados como alguns discursos que narram a vida de si ou de outrem em gêneros discursivos que não possuem visada biográfica e/ou autobiográfica. Sob essa ótica, compreendemos que o sujeito-autor, ao produzir um discurso, pode invocar um sujeito-enunciador-narrador que constrói enunciados para a narrativa de si.

Como exemplo dessa abordagem teórica, podemos nos lembrar de discursos políticos nos quais o locutor insere narrativas de si em seus enunciados, ou em salas de aula, quando o professor está explicando algum assunto e utiliza enunciados sobre experiências de vida como complementos para a interpretação da aula. Diversos são os gêneros discursivos e as situações comunicativas nas quais o sujeito usa a subjetividade materializando-a em breves narrativas de vida.

No nosso *corpus*, identificamos alguns enunciados que apontam para efeitos de narrativas de vida. Vejamos o início do documento:

Exmo. Sr. Governador:

Trago a V. Excia. um resumo dos trabalhos realizados pela Prefeitura de Palmeira dos Índios em 1928.

Não foram muitos, que os nossos recursos são exíguos. Assim minguados, entretanto, quase insensíveis ao observador afastado, que desconheça as condições em que o Município se achava, muito me custaram.

COMEÇOS

O principal, o que sem demora iniciei, o de que dependiam todos os outros, segundo creio, foi estabelecer alguma ordem na administração.

Havia em Palmeira innumerados prefeitos: os cobradores de impostos, o commandante do destacamento, os soldados, outros que desejassem administrar. Cada pedaço do Município tinha a sua administração particular, com prefeitos coroneis e prefeitos inspectores de quartelões. Os fiscaes, esses, resolviam questões de policia e advogavam.

Para que semelhante anomalia desaparecesse luctei com tenacidade e encontrei obstaculos dentro da Prefeitura e fora della — dentro, uma resistência molle, suave, de algodão em rama; fora, uma campanha sorna, oblíqua, carregada de bilis. Pensavam uns que tudo ia bem nas mãos de Nosso Senhor, que administra melhor do que todos nós; outros me davam tresmezes para levar um tiro.

Dos funcionarios que encontrei em Janeiro do anno passado restam poucos: sahiram os que faziam política e os que não faziam coisa nenhuma. Os actuaes não se mettem onde não são necessarios, cumprem as suas obrigações e, sobretudo, não se enganam em contas. Dêvo muito a elles.

Não sei se a administração do Município é boa ou ruim. Talvez pudesse ser peor (RAMOS, 1929).

Observamos, na introdução, algumas marcas de narratividade, como “havia em Palmeira innumerados prefeitos:” e “dos funcionarios que encontrei em Janeiro

do anno passado restam poucos” (RAMOS, 1929). Insere-se nesse documento um fazer discursivo que nos leva a lembrar de introduções de histórias ficcionais e obras literárias, afinal, muitas histórias são contadas a partir da forma “havia...”, como em “havia no vale encantado...”, por exemplo.

No que se refere aos efeitos de narrativas de vida, observamos que a introdução do relatório apresenta um discurso no qual notamos impressões pessoais e avaliativas de G. Ramos enquanto Prefeito. A primeira pista passível de identificamos um sutil efeito de narrativa de si é em “muito me custaram” que possui um tom de confissão sobre o trabalho exercido na Prefeitura de Palmeira dos Índios.

No enunciado, “o principal, o que sem demora inicii, o de que dependiam todos os outros, segundo creio, foi estabelecer alguma ordem na administração” (RAMOS, 1929), percebemos um relato de cunho subjetivo que acusa as circunstâncias da administração quando ele tomou posse de seu cargo. Essa denúncia em estrutura narrativa e descritiva deixa subentendido a ocorrência de práticas ilegais e corruptas de findados governos e revela, aliás, a avidez do sujeito-enunciador de marcar seu distanciamento com a corrupção e contrapor seu papel social e identitário aos antigos políticos. Dessarte, a construção discursiva da imagem de Graciliano Ramos está centrada no seu julgamento de crenças e de saberes sobre o mundo, visto que a partir dessa avaliação de crença são produzidos todos os pensamentos sobre si e sobre o outro.

Outras narrativas pessoais são encontradas no decorrer do documento, que contemplam nosso objetivo de encontrar pistas dos efeitos de histórias de si, para isso, observamos relatos individuais de como o sujeito-enunciador comportou-se face à administração pública, como em expressões “luctei com tenacidade e encontrei obstaculos dentro da Prefeitura e fóra della” e “pensavam uns que tudo ia bem nas mãos de Nosso Senhor, que administra melhor do que todos nós; outros me davam tres mezes para levar um tiro” (RAMOS, 1929).

A narrativa de vida, como todo discurso, está sempre, constitutivamente, em relação ao outro, portanto, não se compõe somente por relatos de si, pois também é fundada por relatos que abrangem alheios indivíduos. A situação enunciativa é sempre organizada com vista ao outro, mesmo se este outro seja o próprio sujeito-enunciador, como em conjunturas em que há produção de conselhos para si.

A memória do sujeito é tanto individual quanto coletiva, por isso em todas as lembranças de alguém haverá imputada a presença alheia. Tal característica da narrativa de vida é passível de se observar em nosso *corpus*, como vemos em “me davam três mezes para levar um tiro”. Desse modo, o discurso tem a inserção da voz individual de Graciliano e da voz coletiva de ameaça, nesse viés, a voz da ameaça sugeriria uma quebra no sentido do contexto de normas sociais, já que a crença predominante é a de que se um prefeito luta para governar bem, ele seria bem aceito pela população. Isto posto, deixa-se transparecer no enunciado o incômodo político que Graciliano Ramos proporcionava na cidade devido ao seu latente desejo de oferecer melhores situações de vida para seus conterrâneos.

As medidas tomadas expostas no relatório de contas elaborado por Ramos são denúncias sociais sobre a situação precária elaboradas de forma descritiva e em

primeira pessoa que demonstram que a verve artística, política e social extrapolam os romances e abrangem todo o cotidiano de vida de Graciliano Ramos, como podemos ver em:

OBRAS PUBLICAS

Gastei com obras publicas 2:908\$350, que serviram para construir um muro no edificio da Prefeitura, augmentar e pintar o açougue publico, arranjar outro açougue para gado miudo, reparar as ruas esburacadas, desviar as aguas que, em epocas de trovoadas, inundavam a cidade, melhorar o curral do matadouro e comprar ferramentas. Adquiri picaretas, pás, enxadas, martellos, marrões, marretas, carros para aterro, aço para brocas, alavancas, etc. Montei uma pequena officina para concertar os utensilios estragados (RAMOS, 1929).

No trecho acima, diante da narrativa que relata como o valor foi gasto com obras públicas, observamos que, em meio às descrições, há críticas enunciadas em expressões como “reparar as ruas esburacadas” e “desviar as águas que, em épocas de trovoadas, inundavam a cidade”. Compreendemos, portanto, que o discurso possui, no mínimo, dois sentidos passíveis de serem construídos: relatar as despesas e denunciar o descaso governamental com a cidade.

Os efeitos de narrativa de vida no documento ainda são observados pelas marcas temporais do presente, como no seguinte trecho:

Estou fazendo dois muros de alvenaria, extensos, espessos e altos, para supportar o aterro. Dei á estrada nove metros de largura. Os trabalhos vão adiantados. Durante mezes mataram-me o bicho do ouvido com reclamações de toda a ordem contra o abandono em que se deixava a melhor entrada para a cidade. Chegaram lá pedreiros — outras reclamações surgiram, porque as obras irão custar um horror de contos de réis, dizem. Custarão alguns, provavelmente. Não tanto quanto as pyramides do Egypto, comtudo. O que a Prefeitura arrecada basta para que nos não resignemos ás modestas tarefas de varrer as ruas e matar cachorros (RAMOS, 1929).

Ramos relata que está fazendo aterros na estrada da cidade. Como resposta a um futuro questionamento possível, ele afirma que os “trabalhos vão adiantados”. O recurso discursivo e estilístico adotado por Ramos, no primeiro parágrafo do trecho acima, utiliza frases curtas para a produção de seu texto. Nessa ótica, pode ser interpretado como um diálogo antecipado, no qual o sujeito-comunicante antecipa as respostas de seu sujeito-destinatário. Em uma tentativa de elucidar tal hipótese, podemos considerar que a resposta adiantada seria “os trabalhos vão adiantados” para um possível questionamento: “como está o andamento das obras da estrada?”.

A ironia também é observada no trecho acima, pois Ramos relata que houve diversas reclamações pelo fato de ele ter feito obras na estrada e pelo custo que elas proporcionariam. O sentido irônico é construído pela voz que afirma que custarão alguns contos de réis, mas não tanto quanto as Pirâmides do Egito. Nesse sentido, a inserção da voz que traz ao discurso a presença de monumentos mundiais tende a ridicularizar as críticas quanto ao valor gasto na obra da estrada. Para concluir o relato sobre as obras, Ramos ainda afirma que o valor arrecado pela Prefeitura é suficiente para que sejam realizadas mais obras para a cidade.

O efeito da narrativa de vida aliado ao efeito irônico no discurso pode revelar os papéis identitários de Graciliano Ramos. Sob esse olhar, identificamos a imagem de um sujeito irônico, crítico e engajado com os problemas sociais, políticos e econômicos de sua cidade.

Vejamos a conclusão do documento:

CONCLUSÃO

Procurei sempre os caminhos mais curtos. Nas estradas que se abriram só ha curvas onde as rectas foram inteiramente impossiveis.

Evitei emmaranhar-me em teias de aranha.

Certos individuos, não sei porque, imaginam que devem ser consultados; outros se julgam com autoridade bastante para dizer aos contribuintes que não paguem impostos.

Não me entendi com esses.

Ha quem ache tudo ruim, e ria constringidamente, e escreva cartas anonymas, e adoeça, e se morda por não ver a infallivel maroteirazinha, a abençoada canalhice, preciosa para quem a pratica, mais preciosa ainda para os que della se servem como assumpto invariavel; ha quem não comprehenda que um acto administrativo seja isento da idéa de lucro pessoal; ha até quem pretenda embaraçar-me em coisa tão simples como mandar quebrar as pedras dos caminhos.

Fechei os ouvidos, deixei gritarem, arrecadei 1:325:500 de multas.

Não favoreci ninguém. Devo ter cometido numerosos disparates. Todos os meus erros, porem, foram erros da intelligencia, que é fraca.

Perdi varios amigos, ou individuos que possam ter semelhante nome.

Não me fizeram falta.

Ha descontentamento. Se a minha estada na Prefeitura por estes dois annos dependesse de um plebiscito, talvez eu não obtivesse dez votos. Paz e prosperidade.

Palmeira dos Indios, 10 de Janeiro de 1929.

GRACILIANO RAMOS (RAMOS, 1929).

No fim do documento oficial, notamos uma linguagem literária com o uso de metáforas para descrever as avaliações de como foi exercer o trabalho durante o ano anterior à publicação. O tom de desabafo pode ser apreendido em “Procurei sempre os caminhos mais curtos. Nas estradas que se abriram só ha curvas onde as rectas foram inteiramente impossiveis. Evitei emmaranhar-me em teias de aranha” (RAMOS, 1929).

A conclusão pode ser interpretada como uma breve narrativa de vida do prefeito de Palmeiras dos Índios. Nesse relato, ele demonstra que encontrou diversos problemas com outros indivíduos por não se tornar um político corrupto. Devido a este fato, revela que perdeu amigos, mas ao mesmo tempo afirma que não lhes fizeram faltas.

A subjetividade na escrita do documento oficial é percebida pelo uso da primeira pessoa do singular. Consideramos que o sujeito-comunicante Graciliano Ramos invocou um sujeito-narrador para dar dois sentidos ao seu discurso. O

primeiro é a informação dos gastos realizados na prefeitura. O segundo é a crítica à política realizada por meio de um discurso subjetivo e irônico. Nesse sentido, os efeitos de narrativas de vidas podem ser apreendidos como os relatos íntimos de Graciliano Ramos face ao seu trabalho na Prefeitura.

Ramos procura deixar explícito que ele como político não se igualava aos demais corruptos. Observarmos a necessidade de ele afirmar seu papel identitário e transparecer que não usou o dinheiro público para ganhos pessoais. A imagem de si construída pelo efeito da narrativa de vida é inferida em enunciados, como por exemplo: “não favoreci ninguém. Devo ter cometido numerosos disparates. Todos os meus erros, porem, foram erros da inteligência, que é fraca” (RAMOS, 1929).

Na esteira de Machado (2016b), consideramos que os efeitos de narrativas de vidas podem ser analisados em discursos nos quais o sujeito-enunciador fala de si; de seus sentimentos; de suas lembranças e; de suas experiências. Por fim, os relatos de vida podem deixar revelar, por meio do discurso, os papéis sociais do sujeito-comunicante. De tal modo, conseguimos verificar o papel identitário de político que Ramos exerce frente à administração da Prefeitura. Os traços do sujeito-romancista são observados pela qualidade literária a qual perpassa todo o relatório. Algumas outras nuances de identidades ainda são mostradas pelo discurso, como a personalidade irônica e o engajamento político que nos sobressaltam aos olhos pela qualidade transgressora do documento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apreendemos que o uso da subjetividade no documento analisado, um relatório municipal de contas anuais, pode ser compreendido como uma tentativa de (re) afirmar o papel social do sujeito-comunicante, Graciliano Ramos. A construção da imagem de si realizada no discurso por meio dos efeitos das narrativas de vida mostram um sujeito indignado com a política de sua cidade. Os papéis identitários observados são traços que apontam para a imagem de um sujeito engajado com os problemas sociais e econômicos de seu estado. Tal engajamento vai, pois, além de suas obras literárias, chegando até a transgressão de documentos oficiais, expondo seus posicionamentos ideológicos e sociais.

A transgressão realizada com o uso de primeira pessoa no discurso nos leva a interpretá-la como uma tentativa de denúncia e desabafo sobre as dificuldades e as corrupções em Palmeiras dos Índios. Podemos ousar, ainda, ao dizer que a inserção de relatos pessoais e irônicos, no documento, pode ser comparada com um grito do sujeito-enunciador. Um grito de um sujeito que não se conformava com tantas injustiças e corrupções. Nesse protesto, interpretamos que a narrativa de si possui uma estratégia argumentativa utilizada para mostrar que o prefeito Graciliano Ramos não podia ter sua imagem igualada a de seus antecessores corruptos.

Enfim, toda a construção irônica e narrativa do documento se produz no âmago do universo de crenças e de saberes de Graciliano Ramos, pois, o que

impulsiona sua gênese crítica está atrelado ao seu julgamento de mundo, ao seu olhar avaliativo sobre o que é certo e o que é errado enquanto político, literato e cidadão. Todo esse universo molda e constrói sua identidade pessoal, discursiva, estilística e literária que o tornou um cânone respeitado nacional e internacionalmente.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Gabriela Pacheco. *As vozes que silenciam os “eus” de Fabiano, em Vidas Secas, de Graciliano Ramos*. Dissertação de Mestrado. UFMG, 2016.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: a teoria do romance*. 5ªed. São Paulo: Hucitec, 2002.
- BERTAUX, D. *Le récit de vie*. Paris: Nathan. 1997.
- CANDIDO, Antonio. *Ficção e Confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos*. 3 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006.
- CHARAUDEAU. *Linguagem e discurso: modos de organização*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2014 [1983]. Nº 1 -2, p. 26-31.
- CHAXEL Sophie; MOITY-MAÏZI Pascale. Les récits de vie :out ils pour lacompréhension et cataly seurs pour l’action. revue Interrogations. Nº17. L’approche biographique, janvier 2014 [en ligne] <http://www.revue-interrogations.org/Les-recits-de-vie-outils-pour-la>.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- MACHADO, Ida Lucia. A ironia como estratégia comunicativa e argumentativa. *Bakhtiniana*, São Paulo, vol. 1, Número 9, pp.108-128, Jan./Jul. 2014.
- MACHADO, Ida Lucia. A Narrativa de vida como materialidade discursiva. *Revista da ABRALIN*, v.14, n.2, p. 95-108, jul./dez. 2015,
- MACHADO, Ida Lucia. Nos bastidores da Narrativa de Vida & Análise do Discurso. In: *Estudos sobre narrativas em diferentes materialidades discursivas na visão da Análise do Discurso*. Belo Horizonte: Núcleo da Análise do Discurso, Fale/UFMG, 2016 a.
- MACHADO, Ida Lucia. *Reflexões sobre uma corrente da análise do discurso e sua aplicação em narrativas de vida*. 1. ed. Coimbra - Portugal: Gracio Editor, 2016 b.
- MORAES, Dênis. *O velho Graça: uma biografia de Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.
- OROFIAMMA, Roselyne. Les figures du sujet dans le récit de vie. Em sociologie et enformation. *Informations sociales*, 2008/1 (nº 145), p. 68-81. URL: <https://www.cairn.info/revue-informations-sociales-2008-1-page-68.htm>.

RAMOS, Graciliano. *Relatório oficial ao Governador do Estado de Alagoas*. 1929. Disponível em:
https://pt.wikisource.org/wiki/Relatorio_ao_Governador_do_Estado_de_Alagoas.

Recebido: 5/10/2018
Aceito: 8/03/2019
Publicado: 3/04/2019